

QUEM CONTROLA OS CONTROLADORES?

Esta pergunta foi formulada por Norberto Bobbio em sua obra *O Futuro da Democracia*. Ali o jus-filósofo abordou, emblematicamente, as promessas descumpridas pela Democracia real em contraste com a ideal.

Esta é a mesma pergunta que se impõe onipresente, como uma esfinge mítica, sobre a Democracia brasileira, questionando a sua validade sob a espada de Dámocles dos escândalos cívicos que desfilam sob a fieira de um mesmo nexos causal: A corrupção do processo democrático.

O relatório Serraglio com dois volumes, contendo o 1º Volume, 1104 páginas e o 2º Volume, 735 páginas, atesta pelo estafante e denso trabalho produzido na CPMI dos Correios, as escaras traçadas pela metástase do valerioduto no tecido cívico do estado democrático de direito.

A cidadania queda-se perplexa frente às absolvições de parlamentares confessos ou comprovadamente envolvidos; frente ao cinismo jocoso que samba literalmente afagando com o escárnio de um rebolado a impunidade. A cidadania, no recôndito profundo de sua consciência cívica, julga seus juizes, Jobim e Vidigal, pelos próprios fundamentos aplicados em seus despachos e sentenças. A cidadania sabe, como Turgot e Reinhart Koselleck sabiam, que a legitimidade moral, fundamento republicano da lei, é por assim dizer, o esqueleto político invisível sobre o qual a sociedade e suas instituições foram construídas. Marco Túlio Cícero eternizou esta consciência impassível do zelo cívico na sua primeira catilinária quando iniciou aguilhoando o déspota: “Quo usque tandem abutere, Catilina, patientia nostra?” (E até quando então Catilina, abusarás de nossa paciência?).

A cidadania ouve, assiste e se pergunta: Quem controla os Controladores? Será que todo o aparato constitucional de repartição de competências, de divisão do Poder, de declaração de direitos, de institucionalização dos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, republicano e federativo, não é mais capaz de sopitar os interesses escusos que deserdam o princípio maior do bem comum? Será que as instituições transformaram-se em amebas?(Como aquela da metáfora com que o Deputado Cezar Schirmer esgrimindo sua retórica acutilou o Congresso Nacional.)

No entanto, malgrado este cenário, a cidadania voltará e votará no momento da única liberdade que Rosseau lhe concedia: o momento do voto. Perante as urnas ela escoimará o erro e indicará seus candidatos. Aqueles que na acepção semântica do termo candidato, originário da expressão latina cãndida toga, ostentem a toga cãndida, branca, alva, pura e limpa e não enodoada pela corrupção. Assim o Brasil e o seu Povo, redimir-se-ão deste verdadeiro purgatório cívico que são constringidos a viver no seu dia a dia político.

Professor Sérgio Borja – Das Faculdades de Direito da PUC/RS E UFRGS